



A entrada dos pais na sala de aula através das plataformas *online* despertou sentimentos de desilusão. Houve aulas meramente expositivas que se iniciavam dia após dia com o apelo: “Abri o manual na página xis.” Segundo Marco Bento, investigador na área da tecnologia educativa, os professores não foram preparados para o segundo confinamento e perdeu-se uma oportunidade para a educação digital. Do lado bom da história ficam as experiências de docentes flexíveis que se aventuraram no uso de aplicações que simulam microscópios, jogos ou concursos, como a “Roda da Sorte”.

Aula após aula, a matéria era debitada através do ecrã, um dia atrás do outro. A experiência tornou-se exasperante. Depois de 15 dias neste registo, Margarida Torres, de Coimbra, 45 anos, mãe de uma criança de oito, que frequenta o sexto ano, tomou a decisão de mudar a filha de escola. Jorge Ascensão, presidente da Confederação Nacional das Associações de Pais, Confap, conhece outros casos de pais com intenção de transferir os filhos de escola na sequência deste confronto com o que se passava no interior da sala de aula. “Não foi tudo excelente, não correu sempre bem. O ensino à distância é complicado de exercer. Há práticas presenciais que não resultam no ecrã e também não é costume os pais entrarem na sala de aula. Não tinham percebido dos modelos de aprendizagem adotados”, afirma.

As informações que possuía sobre as atividades desenvolvidas presencialmente aparentavam ser dinâmicas e ativas, conta Margarida Torres. Via computador, a abordagem era conservadora. “Eram demasiadas horas à frente do ecrã — chegaram a ser quatro horas teóricas num só dia — e aulas baseadas na exposição dos conteúdos seguidas de exercícios dos manuais.” Não havia articulação entre as diferentes áreas curriculares, promovia-se o “ensino cómodo”, como lhe chamou. Cada área curricular estava encerrada na sua gaveta.

AULAS À DISTÂNCIA: O BOM E O MUITO MAU

Formação para docentes não chegou a tempo do segundo confinamento e pais e professores sentiram-se sozinhos na adaptação ao novo modelo

Textos DINA MARGATO

No domínio da expressão corporal, pedia-se à criança para reproduzir uma coreografia de um vídeo, sem fornecer dicas de coordenação motora. O simples incentivo de imitar o gesto de ver ao longe, levando a mão à sobrancelha, surtiu maior eficácia na aprendizagem, conta. As aulas de Educação Física foram substituídas por jogos de xadrez. “Se no primeiro confinamento tudo era novo e por isso encarava-se esta experiência como algo que surgia do improvisto e do desconhecido, no segundo (iniciado a 22 de janeiro)

já não é aceitável”, afirma. A dada altura, a filha colocou uma boneca debruçada sobre um computador de cartão, de rosto descaído sobre o ecrã: “Burn out.”

Na descrição de Ulrike Zech, 42 anos, residente em Coimbra, mãe de três crianças, de quatro, dez e 13 anos, parte das aulas foram passadas a resolver mal-entendidos relacionados com o funcionamento da plataforma. “Houve professores que revelaram dificuldade em servir-se da tecnologia. Alguns, até aí, pouco faziam além do envio de *e-mail*”, diz. “Os que decalcam as técnicas pedagógicas do sistema presencial com 30 crianças do outro lado do ecrã não conseguiram prender a atenção dos miúdos. Era preciso recorrer a outras estratégias.” Para os crescidos, os professores tiveram ainda que competir com outras distrações: estar no *chat* com amigos, ou no YouTube. Em todo este processo notou apenas uma conquista positiva: a organização dos trabalhos de casa, com a introdução de todas as indicações na mesma pasta.

Carlos Patrão, 53 anos, de Vila Franca de Xira, pai de uma criança de 10 e de uma adolescente de 15 anos, notou ama-

porismo no uso da tecnologia no ensino à distância. A utilização de plataformas interativas no contexto de sala de aula já devia estar noutra nível. Considera que “no primeiro confinamento fomos todos apanhados com as calças na mão e no segundo confinamento fez-se tudo em cima do joelho, desde logo, não se tocou ao equipamento necessário. Não se acautelou a necessidade de computadores, *router*, formação para os professores explorarem as plataformas”, acrescenta o engenheiro informático. “Há dez anos, desde o Magalhães, que estamos a anunciar uma transformação digital que não se faz. Foi uma década perdida.”

O investigador Marco Bento lembra que “a escola não tem vindo a acompanhar a sociedade digital e nesta situação de emergência ficou a descoberto a escola que temos, também imperfeita”. O Plano de Ação para a Transição Digital, lançado em abril de 2020, que inclui formação a professores, “está atrasado”. “Está por concretizar. Fez-se formação para formadores, não chegou à base dos professores.” O processo de autoavaliação de competências digitais dos professores,

que os vai inscrever nas formações no nível um, dois ou três, não está concluído. Desta avaliação dependerá a inscrição do professor na formação mais adequada. “O que aconteceu é que o tempo da política não se ajustou a esta necessidade urgente provocada pela pandemia.”

O Ministério da Educação informa que deu apoio às escolas, através da definição de roteiros para a organização de horários. Forneceu, por exemplo, 250 recursos com atividades e vídeos para diferentes disciplinas. Na área da capacitação digital,

HÁ QUEM CRITIQUE O “ENSINO CÔMODA”, COM CADA ÁREA NA SUA GAVETA

O MINISTÉRIO DEU APOIO ÀS ESCOLAS: 250 RECURSOS COM ATIVIDADES E VÍDEOS



MARCELO VAI À ESCOLA Esta segunda-feira, o Presidente da República foi inteirar-se do processo de reabertura das escolas, e esteve na Escola Básica Parque Silva Porto, em Benfica, Lisboa. Foi aí que revelou que o estado de emergência deve manter-se em Portugal durante as fases do desconfinamento, até maio

FOTO MANUEL DE ALMEIDA/LUSA

realizou 65 atividades de formação, entre outras ações curtas, *webinars*, e que ao longo do primeiro período iniciou a formação para a transição digital, envolvendo a formação de formadores, além de verificar as competências digitais dos professores, tendo desta forma garantido este procedimento para mais de 90 mil professores.

Paula Santos, de Olhão, 45 anos, mãe de três filhos, com quatro, seis e nove anos, diz que os professores do agrupamento escolar frequentado pelos seus filhos ainda aguardam formação. Ironicamente, atira: "Pelo menos no próximo confinamento já se pode avaliar as diferenças no uso de técnicas." Mas, no seu caso, a experiência com o ensino à distância até correu bem.

Marco Bento defende que além das diretrizes governamentais e porque as escolas têm autonomia, o que devia ter acontecido é que cada escola, para este segundo confinamento, podia ter desenvolvido um plano curricular, elaborado a partir de sessões e debate. Em oposição, aconteceu "que os professores ficaram sozinhos nas suas práticas; os professores e os pais ficaram sozinhos neste processo". Jorge Ascensão sublinha este último ponto: "Os pais não receberam instruções de como atuar durante as aulas e muitos deles fizeram questão em estar ao lado dos filhos, por exemplo, sobretudo dos pequenos, quando o desejável seria deixá-los para que pudessem exercer a sua autonomia." Resultado: os pais participavam nas aulas e a gestão da sala virtual tornava-se confusa, conta.

O investigador considera que "os professores tentaram replicar o que faziam no sistema presencial e não fizeram melhor por não o saber fazer". Por exemplo, o currículo podia ter sido ajustado, concentrando conteúdos específicos, os professores instruídos sobre a necessidade de criar ligação emocional com os alunos que é fundamental para criar disposição para a aprendizagem, pois a interação é o elemento-chave no ensino à distância. O problema da educação digital não se limita ao fornecimento de equipamentos informáticos, explica, o ensino à distância vai muito além disso.

sociedade@expresso.imprensa.pt

EDUCAÇÃO

INVESTIGAÇÃO

Casos de sucesso à distância

As estratégias que resultaram melhor foram as que se suportaram em ferramentas interativas

As experiências de ensino à distância bem-sucedidas implicaram capacidade de adaptação e renovação constante da parte do professor. "A aprendizagem que resultou deveu-se aos professores individualmente, e não à escola no seu todo", afirma Paula Santos, Olhão, mãe de três crianças. "O professor do meu filho mais velho, nove anos, adaptou-se logo bem no primeiro confinamento e neste segundo demonstrou evolução. Notou-se que houve pesquisa e vontade de inovar e manter os miúdos interessados." As estratégias de aprendizagem que resultaram melhor foram as que se suportaram em ferramentas interativas, e destaca as plataformas Kahoot e Wizer.me. Outro instrumento que se destacou foi o recurso à placa digital onde se pode desenhar e escrever. "Durante a pausa letiva de janeiro, a professora comprou uma mesa digitalizadora para ir resolvendo os exercícios com os miúdos durante a partilha do ecrã."

Sandra Rodrigues, 49 anos, professora de Biologia do oitavo e do secundário, em Coimbra, adquiriu também uma mesa de digitalização durante este segundo confinamento, através da qual prepara esquemas e faz exposições no decorrer da aula. Considera que arriscou muito mais nas técnicas de ensino no segundo confinamento do que no primeiro. "Destes, decidi ir além do uso do PowerPoint e do vídeo. Fui à procura de plataformas que fornecessem atividades." Mostrou-se de grande utilidade uma página no Facebook destinada a professores de Biologia e Geologia, na qual se partilharam materiais diversos e onde veio a descobrir o Sketchfab, plataforma que simula em 3D um microscópio. Destaca ainda a utilidade da aplicação Wordwall, pela panóplia de atividades, de jogos e concursos ao dispor, entre eles a Roda da Sorte, que pode ser jogada em conjunto, e o Webpuzzle.

Ana Gomes, 40 anos, residente da Marinha Grande, mãe de três crianças, veio a validar o excelente trabalho que estava a ser desenvolvido na escola onde escolheu colocar os seus filhos. "Nunca imaginei que pudessem ser feitas atividades tão criativas, baseadas em experiências, na exploração do mundo. Mesmo em casa faziam experiências com os materiais que tínhamos, até com uma simples palhinha se explicou o efeito da lei ação-reação de Newton." Para as histórias, os miúdos eram chamados a fantasiarem-se como as personagens.

Os mais velhos mostraram segurança no ensino à distância

Os professores em fim de carreira não foram necessariamente os que tiveram mais dificuldade no ensino à distância, porque a segurança adquirida ao longo do tempo foi uma mais-valia na relação com o aluno, antecipa Marco Bento, baseando-se num estudo que está a ser desenvolvido pelo Centro de Investigação em Educação, da Universidade do Minho, que dá continuidade a uma pesquisa anterior, que procura categorizar os professores. A forma como lidaram com as exigências do ensino à distância variou consoante o profissional em causa. Um estudo sobre o perfil dos professores e a sua aprendizagem ao longo da vida, que conta com uma amostra de duas mil pessoas, detetou três perfis: o que resiste a qualquer tipo de mudança, que não tem visão além dos procedimentos burocráticos; o transformador, aquele em que ainda não aconteceu nada e já está pronto para avançar para as alterações, correndo o risco de o fazer de forma precipitada, e o terceiro, disposto a adequar-se às transformações mediante condições, nomeadamente o conhecimento de alguns fatores determinantes para a obtenção de resultados. "Este último grupo corresponderá a 60% dos professores", explica. Partindo desta categorização, conclui que o professor que quer transformar precisa do apoio da escola, independentemente de as atividades serem realizadas dentro ou fora dela.